

Almanaques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas

Rosilene Alves de Melo¹

Resumo

Este artigo analisa a presença no Brasil dos almanaques de cordel, livros ainda pouco conhecidos que articulam astrologia, ciências ocultas, medicina popular ao saber religioso e às observações sobre a natureza. Esses objetos escritos são elaborados com as mesmas características editoriais dos folhetos de cordel e constituem um gênero literário que procura atender a muitas demandas, intercalando o deleite da poesia em versos com previsões do tempo, horóscopo e ensinamentos morais. Os almanaques de cordel circulam à margem do mercado editorial brasileiro, porém permanecem há mais de um século no Brasil como literatura por meio da qual se pretende informar, divertir e orientar seus leitores. Por essas características, os almanaques de cordel permitem analisar a escrita enquanto prática cultural que traduz a permanência no Brasil de outras possibilidades de elaboração simbólica na pós-modernidade.

Palavras-chave

Almanaques, literatura de cordel, cultura brasileira.

Recebido em 15 de janeiro de 2008

Aprovado em 6 de janeiro de 2011

1 Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Aluna do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/ UFRJ), sob orientação do professor Marco Antônio Gonçalves. Bolsista do Programa Doutoral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Almanacs of cordel: the fascination of reading for the making of the deed, another field of research

Rosilene Alves de Melo

Abstract

The present article analyzes the existence of astrological almanacs aimed at farm workers in Brazil. These books, although not very popular, provide knowledge and specific discourses which articulate Astrology, the occult, popular medicine, religious knowledge and observation of nature. The countryside almanacs are produced by independent editors and, from the editorial point of view, they are very similar to cordel booklets. A tradition brought to Brazil by the settlers, the countryside almanacs allow questions on the relation which the editors establish between nature and culture, producing cosmology and discourses based on traditions that keep elaborating networks of meanings about of the world.

Keywords

Brazilian culture, almanacs, Astrology.



A saga dos almanaques astrológicos

Revelar o futuro, antecipar os acontecimentos, prever a sorte e o infortúnio, desvendar o destino “escrito” nos astros, conhecer os segredos da natureza. Revelações, previsões, profecias, conselhos, ciência. Esses são saberes e promessas contidos no almanaque, o livro sobre o tempo e o destino. *Almanaque* é uma palavra de origem árabe – *almanakh* – que significa calendário. Também eram conhecidos como *Prognósticos* ou como *Lunários dos tempos*.

Trata-se de uma publicação anual, sob o formato de calendário, contendo datas comemorativas, festas móveis e feriados. Apresenta também indicações astrológicas, previsões meteorológicas destinadas aos agricultores, orientações sobre saúde e comportamento, além de curiosidades, provérbios e receitas. Em última instância, os almanaques são livros sobre o tempo, sua medição, sua passagem e traz, também, a possibilidade de sua (pré)visão. Não é difícil compreender, portanto, as razões de seu sucesso.

As formulações para a construção da cosmologia: a ideia de que o céu – composto por diferentes corpos dispostos numa ordem harmônica – exerce forte influência sobre todos os seres e corpos terrestres². No entanto, essa influência celeste teve implicações na hierarquização e divisão do mundo em dois planos: o celeste, superior, e o terreno, inferior. Essa cosmologia, de influência aristotélica e sistematizada ao longo do medievo, era compartilhada pela astronomia, filosofia, literatura e teologia. Tomás

2 PRA, Mario Dal. Astrologia. In: *Enciclopédia Enaudi*, vol. 18. Natureza/Exotérico. Lisboa, 1990.

de Aquino⁵ acreditava haver uma influência dos corpos celestes sobre os corpos humanos, vale ressaltar, exclusivamente sobre os corpos e não sobre o intelecto. Deus aparecia nas formulações de Tomás de Aquino como princípio organizador dessa relação.

No entanto, esse princípio que havia sido formulado para explicar relações mais amplas entre o cosmos e a terra se difundiu de tal maneira que passou a ser aplicado para todos os eventos da vida cotidiana, da política e, sobretudo, no que dizia respeito ao próprio destino da humanidade. Eventos catastróficos, pestes, guerras, crises políticas e a fome potencializaram a necessidade de antecipar os infortúnios, momento em que a astrologia consagrou-se como uma possibilidade de via de acesso ao futuro e tornou-se um saber popular. Esta difusão da astrologia e sua sobreposição sobre as formulações de natureza teológica foram percebidas e combatidas pela própria Igreja Católica na Contra-reforma.

Os primeiros almanaques apareceram na Europa durante a Idade Média, ainda manuscritos, e tornaram-se objeto de interesse de médicos e estudantes. A invenção da imprensa, no século XVI, possibilitou a publicação, tradução e circulação sistemática desses livros. Na Inglaterra, o primeiro almanaque data de 1545. Na França, o astrólogo e profeta Nostradamus publicava as centúrias em almanaques, graças aos quais suas profecias tornaram-se conhecidas. É possível afirmar que no século XVII os almanaques eram bastante populares. Nessa época, circulavam, na Inglaterra, mais de dois mil títulos diferentes a cada ano⁴. À revelia da Igreja Católica e da Igreja Anglicana, que passaram a condenar a publicação de profecias baseadas na astrologia, os almanaques desfrutavam de prestígio junto à população, orientando as pessoas com conselhos, cuidados com a saúde, como combater as pestes e a fome, além das tradicionais indicações astrológicas para o ano em curso, também chamadas de prognósticos.

O sucesso editorial dos almanaques motivou a publicação de uma série de livros destinados a quem desejasse ir mais além no estudo da astrologia, capacitando-se para elaborar prognósticos e escrever almanaques. Nesses tratados, os princípios da astrologia formulados por Ptolomeu eram apresentados em linguagem mais acessível⁵. Um dos primeiros manuais desta natureza recebeu o título de *Cronografía o reportório de los tiempos*, editado em espanhol em 1572 por Jerônimo de Chaves. O *Repertório dos tempos*, publicado em 1585 por André do Avelar e nitidamente baseado

3 AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

4 THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

5 CAROLINO, Luís Miguel. *A escrita celeste: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: Access, 2002.

no tratado de Jerônimo de Chaves, influenciou de maneira significativa a elaboração de almanaques em Portugal⁶.

No entanto, o *Lunário perpétuo* (1955) é sem dúvida o tratado de astrologia de origem europeia mais conhecido no Brasil. Adaptado para Portugal em 1705, a partir do original espanhol escrito por Jerônimo Cortez, o livro contém explicações sobre o tempo, os planetas e demais astros até então conhecidos, relação dos santos de cada dia, indicações sobre a cura de doenças, conselhos sobre como resolver pequenos problemas domésticos cotidianos, além de procedimentos necessários à elaboração dos horóscopos e calendários. A parte inicial do livro é dedicada à cronologia, base para a confecção dos calendários e à definição dos fatores que indicarão os prognósticos para todos os anos: letra dominical, número áureo, epacta. Com a combinação desses números e dessas letras é possível conhecer as fases da lua e sua passagem pelos signos do zodíaco, os eclipses, as condições climáticas, as épocas mais propícias ao plantio e à colheita, assim como as variações nos preços dos alimentos. Em seguida, o *Lunário perpétuo* apresenta o *Manual do jardineiro e do agricultor*, com orientações sobre como utilizar a influência dos astros para obter uma colheita abundante. Apresenta ainda as principais características de cada signo do zodíaco, além do *Tratado de astronomia rústica e pastoril*, com indicações de como prever eclipses, secas, terremotos e tempestades. Na última seção, o *Lunário perpétuo* relaciona os *Remédios universais para enfermidades ordinárias*.

O prestígio dos almanaques entre os séculos XVI e XVII estava ancorado no prestígio desfrutado pela astrologia como saber. Acreditava-se que o sol, a lua e os planetas exerciam influência sobre as estações do ano, sobre o plantio e as colheitas, sobre as marés, sobre a personalidade e o humor das pessoas. Como esses corpos celestes possuíam movimento constante, cognoscível, acreditava-se que havia um padrão nesta influência. Logo, era possível o conhecimento e a sistematização da influência cósmica. O zodíaco e os signos, criados na mesopotâmia por volta de 1500 a.C., se constituíram como as principais representações dessa influência. Ao astrônomo e astrólogo egípcio Claudio Ptolomeu, no século II d.C., é atribuída a síntese entre as tradições da astrologia mesopotâmica e helênica numa única obra – *Tetrabiblos* – que permitia conhecer a natureza dos planetas e demais astros e estabelecer uma correspondência com o temperamento das pessoas nascidas sob a influência de cada signo. Seria possível, assim, a previsão

6 COSTA, Adalgisa Botelho da. O repertório dos tempos de André do Avelar e a astrologia em Portugal no século XVI. In: MARTINS, R. A. et all. (Eds.) *Filosofia e história da ciência no Cone Sul*: III Encontro. Campinas: AFHIC, 2004. p. 2.

de grandes eventos coletivos. Foi a partir da sistematização proposta por Ptolomeu que emergiu a tradição astrológica ocidental.

No entanto, a Revolução Científica, especialmente as formulações de Francis Bacon, Kepler, Galileu, Newton e Descartes, inauguram um novo quadro epistemológico, baseado no empirismo e racionalismo, em que não havia mais lugar para a astrologia, assim como outras formas de saber: a magia, a alquimia e o próprio pensamento religioso⁷. Segundo Hilton Japiassu:

[...] foi somente na segunda metade do século XVII que a astrologia perdeu grande parte de seu prestígio e de sua influência nos chamados “meios cultos” da população. Uma interpretação predominantemente racionalista motivou a decadência da astrologia e a substituição deste saber pela ciência moderna mecanicista, que fundamentou uma crítica e uma desqualificação da “ciência” astrológica e dos horóscopos.⁸

A utilização excessiva e vulgar dos prognósticos foi satirizada de maneira irônica por François Rabelais em *Prognósticos pantagruélicos para o ano de 1533*. Logo na primeira página, Rabelais apresenta sua verve irônica quando define os prognósticos como “certos, verdadeiros e infalíveis para o ano perpétuo novamente compostos para o benefício e para a instrução das pessoas aturdidas e pasmadas por natureza”⁹. No capítulo III, intitulado “As doenças deste ano”, Rabelais vai mais além na crítica aos usos da astrologia no cotidiano.

Este ano, os cegos verão muito pouco, os surdos ouvirão bastante mal, os mudos quase não falarão, os ricos se sentirão um pouco melhor do que os pobres, e os que gozarem de boa saúde, melhor do que os doentes. Vários carneiros, bois, porcos, aves, frangos, patos morrerão, mas tão

7 BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

8 JAPIASSU, Hilton. *Saber astrológico: impostura científica?* São Paulo: Letras & Letras, 1992. p. 105. A respeito dos jogos discursivos que deram outro lugar à astrologia, desqualificando-a como campo de saber, ver também: LÉON, Adriano de. Ciências ocultas: os traços do discurso moderno na Idade Moderna. In: <http://www.naya.org.ar/miembros/congresos/contenido/XJornadas/pdf/g/g-leon.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2007; ROSSI, Paolo. Sobre o declínio da astrologia nos inícios da Idade Moderna. In: _____. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1992; THOMAS, Keith. op. cit.

9 ROSSI, Paolo. Prognósticos pantagruélicos. In: _____. *Visões do fim do mundo*. Tradução: Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2006. p. 2.

cruel mortandade não se abaterá sobre os macacos e os dromedários. Neste ano, a velhice será incurável por causa dos anos passados. Os lacrimosos sentirão grandes dores nos lados do corpo. Os que tiverem diarréia montarão sempre em selas furadas. Neste ano os catarros descerão do cérebro até os membros inferiores. A dor d'olhos será muito contrária à boa visão. Na Gasconha, as orelhas serão curtas e mais raras do que de costume. E quase universalmente reinará uma doença muito horrível e temida, maligna, perversa, assustadora e de dar medo, que deixará o mundo muito aterrorizado; sob a sua influência, muitas pessoas não saberão de que maneira fazer as flechas, e muito amiúde tentarão resolver esses problemas com fantasias, fazendo planos sobre a pedra filosofal e as orelhas de Midas. Tremo de medo quando penso nisso; pois eu lhes digo que essa doença será epidêmica, e Averrois a chama de: falta de dinheiro. E, devido ao cometa do ano passado e da retração de Saturno, no hospital morrerá um grande patife cheio de catarros e bexigas, e por ocasião de sua morte haverá uma sedição horrível entre os gatos e os ratos, entre os cães e as lebres, entre os falcões e os patos, entre as focas e os ovos.¹⁰

As motivações da crítica à astrologia também estavam relacionadas à questão da noção de livre arbítrio, pois a credibilidade na influência dos astros estava de acordo com a crença na liberdade humana que fundamentou o surgimento do liberalismo. A crítica mais contundente foi movida pelo italiano Giovanni Pico della Mirandola, ainda no século XV, veiculadas no livro *Disputas contra a astrologia divinatória*, publicado em 1494, em que os argumentos se concentram em provar que as bases do conhecimento astrológico eram completamente equivocadas: a crença na existência do zodíaco e dos signos não passava de um erro e não possuíam qualquer sentido. Não bastasse a crítica científica e conceitual, os almanaques tiveram que enfrentar o olho dos inquisidores que liam atentamente os exemplares antes mesmo de sua publicação com o objetivo de censurar a prática da astrologia judiciária, ou seja, aqueles prognósticos elaborados diretamente sobre o destino dos homens e que passaram a ser considerados infrações contra a teologia católica e a noção de livre-arbítrio. A astrologia judiciária foi considerada uma prática a ser evitada porque seus enunciados adquiriam um tom profético e a profecia foi definida como um dom exclusivo dos santos e das escrituras sagradas.

10 RABELAIS, François. op. cit., p. 86-87.

Os almanaques de cordel no Brasil

As críticas e os questionamentos direcionados contra o saber astrológico na Europa não tiveram maiores consequências sobre a circulação dos almanaques no Novo Continente. No Brasil, a publicação de almanaques teve início no século XIX, após o fim da interdição à publicação de livros e no esteio do crescimento da imprensa. Em 1811 foram publicados o *Almanach da Bahia* e o *Almanach da corte do Rio de Janeiro*, os primeiros editados no Brasil¹¹. Entretanto, o gênero mais popular, dado o caráter não só informativo, mas utilitário, foi o dos almanaques de farmácia, distribuídos gratuitamente como importante veículo publicitário da indústria farmacêutica, sendo o mais conhecido o *Almanaque Biotônico Fontoura*¹².

Neste sentido, a publicação mais conhecida dedicada à astrologia ainda em circulação na atualidade é o *Almanaque do pensamento*, tradicional anuário editado desde 1912, em São Paulo, pela Editora Pensamento. Além da publicação do almanaque, essa editora especializou-se na edição de livros apócrifos sobre magia, astrologia e umbanda. Pertencentes ao repertório que Jerusa Pires Ferreira denominou de “cultura das bordas”¹⁵, esses textos circulam a margem do catálogo das grandes editoras do país, porém desfrutam de muito prestígio entre os leitores, sendo facilmente encontrados em livrarias e bancas de jornal.

O sucesso dos almanaques inspirou a edição de outras publicações do gênero por pequenas tipografias e editores independentes. Conhecidos como *folhinhas de inverno*, *almanaques de feira* ou *almanaques sertanejos*, tais livros começaram a ser editados no final do século XIX e ainda nos dias atuais são comercializados nas feiras livres e nos mercados populares. Embora as ciências sociais tenham dedicado poucos esforços na investigação sobre essas publicações, os almanaques de cordel constituem importante material de ordem intelectual editado por agricultores, poetas de cordel e profetas. Esses livros ocupam, portanto, um papel singular na divulgação de práticas culturais, cosmologias e na sistematização de saberes tradicionais que há séculos circulam no país.

Os almanaques de cordel destinam-se aos sujeitos que vivem na zona rural e nas pequenas cidades do interior; sua utilidade enquanto oráculo agrícola é orientar os agricultores a respeito das épocas propícias

11 RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

12 MEYER, Marlyse (Org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editoria, 2001.

13 FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ao plantio e à colheita, como também sobre ocorrências de secas e inundações. Trazem informações sobre plantas medicinais e seus efeitos terapêuticos; apresentam indicações de chás, banhos e outras recomendações para o combate a doenças. Também são indispensáveis: o calendário anual, as datas comemorativas, as fases da lua, os eclipses, os santos de cada dia, as orações e anedotas, bem como propagandas de remédios, talismãs, anéis e toda sorte de amuletos. Em geral, são lançados no mês de setembro, quando há uma acirrada disputa entre os astrólogos para garantir o privilégio de lançar as profecias para o próximo ano “em primeira mão”.

Do ponto de vista editorial, os almanaques guardam muitas semelhanças com a literatura de cordel: muitos são escritos por poetas de cordel, compartilham dos mesmos processos de editoração, circulam nos mesmos locais (mercados populares, feiras) e almejam o mesmo leitor. A antropóloga Ruth Almeida, em pesquisa que inaugurou, em 1981, os estudos sobre o tema no Brasil, afirma que “os almanaques são considerados como parte da literatura de cordel”¹⁴. Em 1999, o jornalista Roberto Benjamin utilizou a expressão *almanaques de cordel*¹⁵, conceito que traduz de modo bastante apropriado as proximidades entre essas duas modalidades de livro. Assim como a literatura de cordel, os almanaques são impressos no formato de oito, dezesseis ou trinta e duas páginas, em papel jornal, no tamanho de 11x13 cm, com ilustrações na primeira capa (algumas em xilogravura). O espaço da quarta-capa é reservado para a publicidade, como anúncios de amuletos e a relação de revendedoras onde os livros podem ser adquiridos. É interessante observar que a maioria dos produtos e serviços anunciados é confeccionada pelos próprios editores/autores: a comercialização dos horóscopos personalizados, talismãs e anéis, compõem outra expressiva fonte de renda associada aos almanaques. Na edição de 1970 do *Juízo do ano*, Manoel Caboclo apresenta os efeitos nocivos do hábito de fumar e aproveita para fazer propaganda de seus serviços como astrólogo:

O fumo por si só contém nicotina, fufurol, colidrina, ácido prúsico, monóxido de carbono, amoníaco, alcatrão; estes venenos

14 ALMEIDA, Ruth Trindade de. *Almanaques populares do nordeste*. 1981. 225 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. p. 18.

15 BENJAMIN, Roberto. *Almanaques de cordel: informação e educação do povo*. Comunicação apresentada no Colóquio Les Almanachs Populaires em Europe dans les Amériques (XVIIè XIXè siècles). Université de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines, 1999.

reunidos, algumas gotas bastam para matar um cão. O vício de fumar destrói a saúde, tira o apetite, produz a insônia, transtornos nas vias respiratórias, causa impotência sexual, faz sofrer de arteriosclerose, ser ainda candidato a sofrer do câncer. Prejudica a saúde e a bolsa do fumante.

Se deseja abandonar este vício, escreva mandando NCr\$ 10,00 (dez cruzeiros novos) e receberá a consulta que lhe permitirá abandonar o hábito de fumar com muita brevidade. Basta mandar as datas de nascimento e o dinheiro para Manoel Caboclo e Silva – Rua Todos os Santos – Juazeiro do Norte, Ceará.¹⁶

As aproximações entre os almanaques e a literatura de cordel podem ser percebidas por meio da leitura do almanaque *Juízo do ano*, editado pelo poeta de cordel Manoel Caboclo e Silva durante o período de 1960 a 1996, na Tipografia Casa dos Horóscopos, em Juazeiro do Norte. Manoel Caboclo conciliou durante toda a vida a escritura poética e informativa, produzindo em sua casa editorial cordéis e almanaques, vendendo talismãs e horóscopos individuais por meio de correspondências trocadas com os consulentes.

Autor de dezenas de folhetos de cordel, João Ferreira de Lima foi durante décadas editor do *Almanaque de Pernambuco*, cuja primeira edição data de 1936 e tem se mantido em circulação até 2011 pela família do poeta. Por sua vez, desde 1950 até a atualidade José Costa Leite escreve folhetos de cordel, almanaques e desenha xilogravuras. No seu *Calendário nordestino* é possível ver como o almanaque reúne a poesia de cordel, a narrativa informativa e a arte da xilogravura.

Os maiores atrativos dos almanaques de cordel são os prognósticos (previsões gerais para o ano) e o horóscopo (previsões para cada signo do zodíaco). O horóscopo introduz os leitores no universo secreto e hermético das ciências ocultas: astrologia, numerologia, quiromancia, alquimia, além das profecias, magias e adivinhações, saberes que transitam nas fronteiras entre o campo religioso, a relação dos homens com a natureza e o mundo do sobrenatural. Os horóscopos são elaborados pelos próprios editores/autores, que se orgulham em exibir na capas os títulos de “astrólogo”, “amador de ciências ocultas”, “amador de astrologia e experiências populares”. A partir das posições ocupadas pelo sol, pela lua e pelos planetas do sistema solar em relação à terra são elaboradas as previsões para o ano em curso, assim como as indicações para cada signo do zodíaco.

16 SILVA, Manoel Caboclo. *Juízo do ano para 1970*. Juazeiro do Norte: Casa dos Horóscopos, 1969. p. 4.

As capas trazem um texto em versos, apresentando as virtudes do almanaque em forma de acróstico, além de conselhos gerais. Na edição de 2009 de *O Nordeste brasileiro*, o editor Manoel Luiz dos Santos apresenta o seguinte acróstico:

Bom inverno não é em todo canto
Reze muito voltado para Deus,
Animado lá nos trabalhos seus,
Sob a luz do Divino Espírito Santo,
Inda que por aí não chova tanto,
Levante cedo que a riqueza vem,
Esperando por Deus e mais ninguém,
Isto é nosso pão de cada dia,
Recurso que dá com alegria
O sustento pra gente viver bem.¹⁷

Na página seguinte, os almanaques apresentam o “Juízo do ano”. Esse texto pode ser considerado uma espécie de editorial, em que o editor anuncia, a partir de uma complexa combinação de cálculos matemáticos – número áureo, epacta, letra dominical, regente, ciclo solar e dominante – as características do ano e as previsões meteorológicas.

Os almanaques de cordel trazem também enunciados de caráter moral que reforçam as diferenças entre homens e mulheres. No *Almanaque do Nordeste*, por exemplo, o astrólogo Vicente Vitorino apresenta conselhos para mulheres nascidas sob o signo de gêmeos:

As mulheres deste signo em 1990 devem fugir do jogo, política e fofoca das vizinhas, porque traz prejuízo, perturbações e desarmonias no lar, cuidar bem dos filhos e zelar pelo esposo, tentar o comércio e o criatório de aves, que será bem sucedida, confiar em Deus e em você mesma.¹⁸

A iniciação no hermético universo das ciências ocultas, que permitiu a muitos agricultores largarem o cabo da enxada para dedicarem-se ao estudo de complexos mapas astrológicos e à elaboração de consultas particulares, é obtida por meio da leitura de livros que se tornaram imprescindíveis para a construção destes saberes tradicionais. Todos os autores de almanaque fazem questão de declarar que apóiam seus ensinamentos na leitura

17 SANTOS, Manoel Luiz dos. *Calendário brasileiro*. São José do Egito, PE, 2009.

18 MELO, Vicente Vitorino de. *Almanaque do Nordeste*. Caruaru, PE, 1990. p. 23.

de livros fundamentais: *Lunário perpétuo*¹⁹, *Missão abreviada*²⁰, *Tarô advinhatório* e *Experiências astrológicas*. Contudo, o *Lunário perpétuo* tem sido a referência mais importante na formação destes “amadores de astrologia” e, segundo Ruth Almeida, o “esteio fundamental de todos aqueles que fazem almanaques populares”²¹. Fazendo um cotejamento do juízo do ano elaborado por José da Costa Leite é possível perceber uma clara influência do *Lunário perpétuo* nos prognósticos para 2008:

O ano de 2008 começa numa terça-feira com a Lua Nova no signo de capricórnio. 2008 é bissexto, suas letras dominicais são F E, marte é o planeta que domina e rege o ano de 2008. Marte está no quinto céu, tem domínio sobre o fogo e o seu metal é ferro e o cobre. Ele é quente e seco, colérico e inimigo da natureza humana. Marte é sinal de carestia, guerra e fome. O inverno em 2008 será frio chuvoso e escuro com muitas neves. Haverá morte nos peixes e tempestades no mar. Mostra que haverá carestia no trigo e nos grãos de cereais. Do mel e azeite mediania; mortandade no gado miúdo, mediania nas frutas e pouco vinho. Doença e morte no sexo feminino e algumas pessoas ilustres e finalmente haverá guerras e questões entre os tiranos.

Em almanaque que se apresenta como um livro destinado aos agricultores que vivem na Paraíba, Pernambuco e Ceará, como explicar a ocorrência de nevascas? E mais, se o astro regente é marte, considerado pela astrologia um planeta quente e seco, como justificar a incidência de um inverno marcado por chuvas e frio? É possível concluir que José Costa Leite reproduziu as informações do *Lunário perpétuo* sem observar as características climáticas do lugar onde vive, o que põe em xeque a legitimidade dos prognósticos contidos no *Calendário nordestino*.

O *Vaticínio e prognóstico do ano* – editado na Paraíba por José Honorato de Souza, entre 1920 e 1953 – é o primeiro almanaque de cordel a circular regularmente no Brasil. Na edição para 2008 do *Calendário nordestino*, José Costa Leite apresenta um pouco da trajetória destes livros no Brasil:

A história dos almanaques vem de muito longe. Digamos, já há mais de 500 anos. Na minha mocidade, conheci vários tipos deles, *Almanaque*

19 CORTEZ, Jerônimo. *Lunário perpétuo*: prognóstico geral e particular para todos os reinos e províncias. Tradução: Antônio da Silva Brito. Lisboa: Livraria Editora, 1955.

20 COUTO, Manoel Gonçalves. *Missão abreviada*. 6. ed. Porto: Tipografia de Sebastião José Pereira, 1868.

21 ALMEIDA, Ruth Trindade de. op. cit., p. 21.

do *Capivarol*, *Biotônico Fontoura*, *A Saúde da Mulher*, *A Cabeça de Leão* e o *Almanaque Sadol* que até agora recente circulava. Conheci e revendi o *Almanaque do Nordeste*, de Vicente Vitorino. *O Nordeste Brasileiro* de Manoel Luiz dos Santos, que além de meu almanaque e o de Vicente Vitorino, eu o revendia também. *O Juízo do Ano*, de Manoel Caboclo e Silva. O *Almanaque de Pernambuco* de João Ferreira de Lima. Houve um outro *Almanaque de Pernambuco* muito antes de João Ferreira de Lima. Existiu também o *Almanaque do Recife*, que eu possuo um exemplar. Manoel Luiz dos Santos começou a escrever em 1948 e já vai com 59 anos de publicação. Vicente Vitorino começou a escrever almanaque em 1952 e publicou até 2006, pois deixou por motivos de doença 54 números. Eu escrevi dois anos seguidos um pequeno almanaque versado entre 1950 e 1953. Em 1959 resolvi a escrever e publicar o *Calendário Nordestino*, que graças a Deus vem se mantendo em pé até o dia de hoje, servindo ao homem do campo, aprovando em 80 por cento todo ano, graças a Deus. Manoel José dos Santos também escrevia um almanaque versado, isto antes de 1945. Meus amigos: para se fazer em almanaque é preciso além de ter o dom, a prática e os livros: *Lunário Perpétuo*, *Tarô Advinhatório*, *Astrologia Prática* e as *Plantas Curam*. Então, o meu almanaque, o de Vicente Vitorino, o de João Ferreira de Lima, o de Manoel Luiz dos Santos e o de Manoel Caboclo, nenhum é melhor nem pior do que o outro: são todos iguais. Todo ele tem o seu valor. Como cachaça, toda ela é feita de cana de açúcar. *Calendário Nordestino* hoje em dia é considerado (O Campeão do Nordeste). Almanaque para ser bom, tem que ser *Calendário Nordestino*.²²

Alguns dos almanaques citados por José Costa Leite tiveram vida longa e chegaram até nós. Na atualidade é possível encontrar nas feiras e nos mercados públicos *O Nordeste brasileiro* – editado por Manoel Luiz dos Santos desde 1949, em São José do Egito, Pernambuco – o almanaque mais antigo em circulação. Semanalmente José Costa Leite refaz o mesmo percurso e segue da cidade de Condado, Pernambuco, onde reside, para as feiras de Goiana, Timbaúba e Itabaiana, para encontrar-se com feirantes e agricultores ansiosos pelas previsões do *Calendário nordestino*. Também é possível encontrar o *Almanaque da Paraíba*, editado no Sítio Riacho Fundo, na cidade de Tavares, Paraíba, desde 1955. Atualmente, na cidade do Crato, sul do Ceará, o profeta, astrólogo e agricultor Francisco Augusto da Silva publica, desde 1967, o *Almanack do ano*.

22 LEITE, José Costa. *Calendário nordestino*. Condado, PE. 2007.

Todavia, esses almanaques podem ser analisados a partir de um contexto mais amplo: a invenção de uma tradição profética no Brasil do século XIX, período marcado pela emergência das secas como problema social, além das inundações e epidemias como acontecimentos traumáticos para as comunidades da zona rural. A ocupação do sertão para a criação de gado no século XVIII, a instalação das fazendas, o aumento da densidade populacional, fez com que a ocorrência de períodos de estiagem e de grandes inundações se tornasse um acontecimento trágico. Segundo Marco Antônio Villa, entre os séculos XIX e XX morreram cerca de três milhões de pessoas vítimas das secas que atingiram o semi-árido brasileiro²⁵. Somente a seca de 1877, conhecida como “a grande seca”, vitimou cerca de 4% da população. Portanto, prever a ocorrência de secas e inundações não era somente um dom pessoal dos profetas, dos autores de almanaques, mas uma necessidade. Tratava-se de uma questão de vida ou morte.

A palavra profética que antecipa o infortúnio adquire uma autoridade, pois está amparada no conhecimento da natureza e dos sinais que sutilmente podem ser observados quando uma tragédia está por vir. O conhecimento baseado na astrologia permite ao profeta do tempo ler os sinais da natureza e interpretá-los. A profecia, neste caso, não traz um conhecimento acerca dos fatos que estão por vir para satisfazer apenas à curiosidade de um indivíduo em relação ao seu destino; mais do que isso, trata-se de prever catástrofes coletivas. Portanto, os jogos divinatórios ocupam papel central e são investidos de poder para impedir o sofrimento de milhares de pessoas. É possível perceber neste contexto como se constrói o poder da crença na palavra profética. Assim, as previsões meteorológicas, baseadas na “observação do tempo” e nas conjunções astrais, traduzidas em conselhos e advertências, estão na gênese do poder simbólico dos almanaques de cordel.

A profecia é uma tentativa de mediação entre dois universos – natureza e cultura – que, cindidos, produziram uma lenta e radical separação na experiência humana ocidental²⁴. Instâncias submetidas a um processo de diferenciação histórica, dissociadas por um grande esforço de classificação e compreensão do mundo, a distinção clássica das categorias natureza e cultura permitiram a construção de um discurso que justificou a passagem do homem para o mundo da cultura, renunciando à sua condição animal. A radicalidade desta clivagem instaurou a separação entre outras categorias fundamentais: universal e particular, sujeito e objeto, essência e aparência,

25 VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: histórias das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2006.

24 ACSELRAD apud MARTINS, Karla Patrícia Holanda (Org.). *Profetas da chuva*. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

imanência e transcendência, animalidade e humanidade, corpo e alma. Na experiência da modernidade, especialmente a partir da emergência do paradigma cientificista no século XVII, pretendia-se levar esta clivagem às últimas consequências e defini-la nos seguintes termos: a existência de uma natureza única e de múltiplas culturas.

Operação simbólica e prática, uma vez que a profecia é uma enunciação sobre o futuro endereçada para ações situadas no presente, representa a possibilidade de, por meio da fala, da escrita, ou seja, da palavra, do discurso, instaurar um campo de significados para os sinais que a natureza emite. A palavra profética instaura um dado novo no jogo da temporalidade linear e rompe com a distinção entre passado, presente e futuro.

Livros de memórias, objetos do esquecimento

É interessante pensar como um livro elaborado enquanto registro cronológico não tenha resistido à própria ação do tempo, pois no Brasil existem poucos acervos de almanaques de cordel. O melhor e mais importante acervo do gênero no país está na biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande. Essa coleção possui cerca de quatrocentos exemplares e foi iniciada no final do século XIX pelo historiador Horácio de Almeida. Seu filho, o bibliófilo Átila Almeida, não só herdou o acervo como deu continuidade à coleção.

Durante a pesquisa, realizada em 2007, foram catalogadas todas as edições dos seguintes almanaques: *Calendário brasileiro*, *Almanaque de pernambuco*, *Almanaque do Nordeste*, *Almanaque aéreo da Paraíba*, *Almanaque estrela*, *O vencedor*, *O Nordeste brasileiro*, *Almanaque Apolo Norte e Profecia de Nostradamus*, *Almanaque do ano*, *Leão do Norte*, *Almanaque São José*, *O júizo do ano*, *Almanaque Paranor*, *Vaticínio e Prognóstico do ano*. Ao longo do processo de pesquisa as seguintes características editoriais foram observadas: autor, título, preço, tamanho, ilustrações, número de páginas, tipo de papel, local de publicação, editora e data de publicação.

Apesar do importante acervo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), poucas bibliotecas brasileiras cuidaram em reservar espaço em suas estantes para os almanaques de cordel. A exceção é a coleção de almanaques do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), que possui coleção expressiva. Por sua vez, o acervo da Casa de Rui Barbosa mantém os seguintes livros: dez edições do *Juízo do ano* (1970 a 1979 e a edição de 1990); três edições do *Almanaque e*

profecia do grande sábio francês (1976, 1980, 1982); duas edições do *Nordeste brasileiro* (1956 e 1961) e nove edições do *Calendário brasileiro* (1960, 1971, 1973, 1974, 1976, 1977, 1978, 1979, 1982).

A ausência de coleções deve-se ao caráter “descartável” destes livros: uma vez que as previsões servem apenas para um ano, são poucos os leitores que possuem o hábito de guardá-los. Além disto, as ciências humanas ainda ignoram a presença dos almanaques de cordel e de outras modalidades de publicações bastante divulgadas entre os leitores – livros de cartas, orações, cordéis e sonhos. A exclusão desses materiais aponta para concepções ainda vigentes, aliás, bastante conservadoras, que consagram como objeto de pesquisas as modalidades de livro e de leitura, não por acaso, praticadas pelos próprios intelectuais que se debruçam sobre seu estudo.

Os almanaques de cordel encerram cosmologias, discursos e práticas sobre as quais ainda paira um profundo silêncio porque passam ao largo das concepções de saber, conhecimento e ciências instituídos. É sobre este silêncio que é necessário interrogar, pois, de acordo com Gayatri Spivak, “a condição de subalternidade é a condição do silêncio”²⁵. A contribuição desta pesquisa é dialogar com outras narrativas em jogo que recorrem a outros textos produzidos antes mesmo do discurso de matriz cartesiana, fundador do pensamento científico moderno, se tornar hegemônico no Ocidente. Narrativas complexas, impressas, produzidas noutros espaços de enunciação e por outros sujeitos colocados nas bordas, nas dobras e nas frestas dos lugares de verdade construídos historicamente no Brasil. Interessa compreender o lugar que os almanaques ocupam como manuais de orientação, conselheiros, guias e profetas, investidos do poder de revelar o futuro, antecipar o infortúnio, a sorte e mudar o destino das pessoas.

No entanto, a permanência dessa produção nas mãos dos autores, nas prateleiras dos mercados populares e nas casas dos leitores aponta para a necessidade de se compreender melhor de que modo os ensinamentos, conselhos, prognósticos e profecias ainda despertam o interesse de pessoas na pós-modernidade. O encontro com esses livros demonstra como a era digital, ancorada no saber científico e nas tecnologias da informação contemporâneas, não conseguiu substituir cosmologias ancestrais e seus processos de transmissão. Não se trata de saber se suas formulações são verdadeiras, mas perceber a capacidade que elas têm, ainda nos dias atuais, de oferecer aos leitores um saber investido de autoridade e fascínio.

25 Apud CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Revista Horizontes antropológicos*, ano 7, Porto Alegre, 2001. p. 120.

Imagens do Artigo:

Os teatros públicos na capital das Minas setecentistas: da casa da Ópera de Vila Rica ao Theatro do Ouro Preto



Figura 1. *Quatro partes do Mundo*, atribuídas a Marcelino José de Mesquita. Museu do Ouro de Sabará – MG. IPHAN – Belo Horizonte. Reproduções da autora.

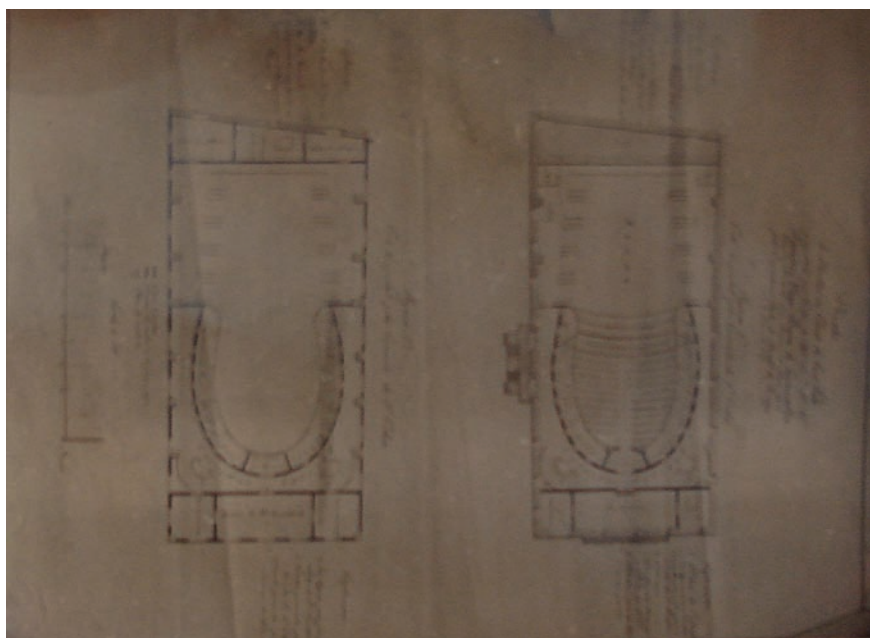


Figura 2. Elevações e plantas baixas pertencentes ao projeto realizado por Júlio Borrel de Vernay, em 1855, para o novo teatro de Ouro Preto. IPHAN – Belo Horizonte. Reproduções da autora.

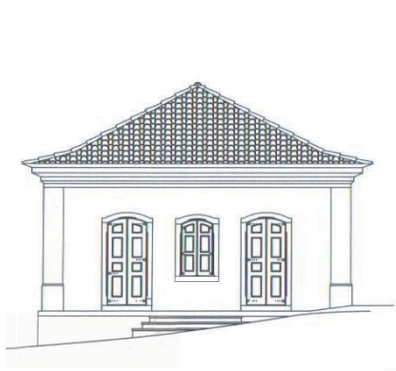


Figura 5. Elevação conjectural da fachada da Casa da Ópera, em 1770, e fachada do edifício após as obras de 1861/1862. Rosana Marreco Brescia.

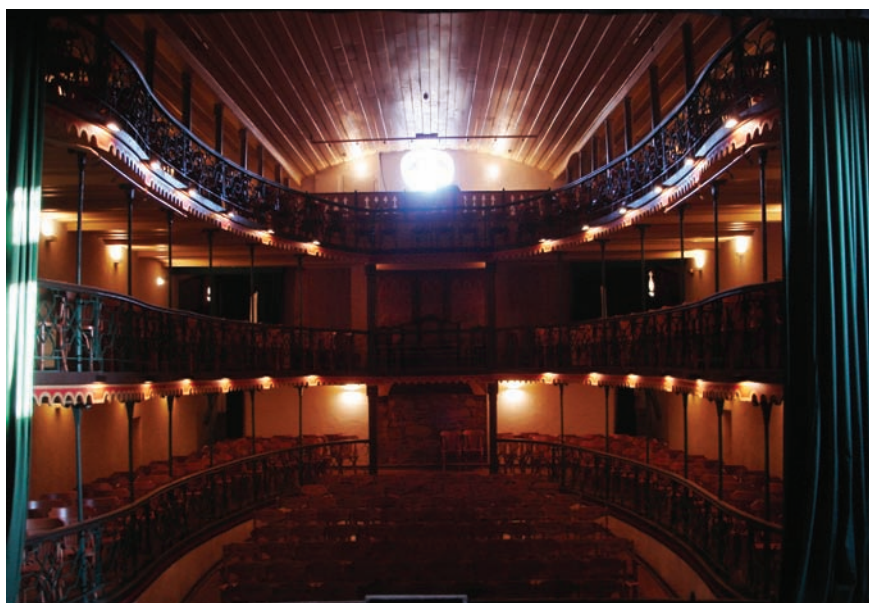


Figura 4. Na primeira imagem, fotografia do interior do Teatro de Ouro Preto, tirada em 1954, onde ainda é possível ver a escada central que dava acesso à plateia e estado atual da sala de espetáculos. Sessão Solene do GLTA_Acervo Victor Godoy. Na segunda, atual interior da Casa da Ópera de Ouro Preto, foto da autora.

Imagens do Artigo:

Almanaques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas

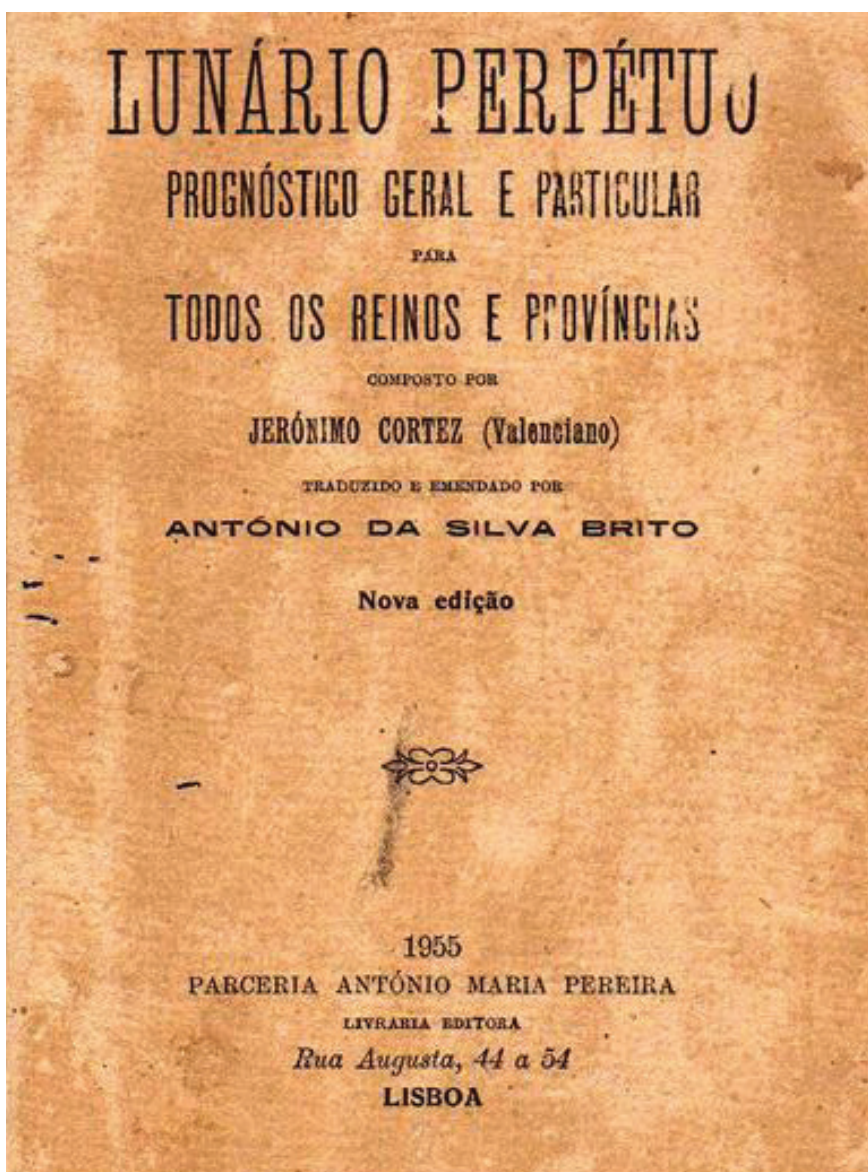


Figura 1. Capa do *Lunário Perpétuo*.



Figura 2. Almanaque Frei Vidal da Penha ilustrado com xilogravura.



Figura 3. O juízo do ano para 1979 ilustrado com xilogravura.

O NORDESTE BRASILEIRO

ALMANAQUE PARA O ANO DE 2005



ELABORADO PELO PROFESSOR DE
ASTROLOGIA E CIÊNCIAS OCULTAS

Manoel Luiz dos Santos



Se você está em busca de dinheiro e prosperidade, leve este símbolo para seu local de trabalho e deixe-o guardado em uma gaveta ou no lugar onde você passa a maior parte do tempo.

57 ANOS DE PUBLICAÇÕES CONTÍNUAS

Telefone: (87) 3844-2967

Bom inverno na Região Nordeste
Rios cheios, relâmpagos e trovões
Aguaceiros por todos os sertões
Sobretudo na zona do Agreste,
Inda mesmo que venha muita peste,
Luca bem arroz, milho e algodão,
Espero logo abundância de feijão,
Inhame, cebola em cada canto,
Riqueza, fartura e portanto
O sertanejo tem Deus no coração.

O profeta nasceu pra ser feliz
É astrólogo, poeta, rei do verso,
E nas ciências ocultas do universo
Não há outro igual a Manoel Luiz,
Verdadeiro em tudo quanto diz
Implorando, pedindo grande amor
De Deus, e por Deus Pai Criador,
Vem a bondade infinita de Jesus,
Jesus Cristo derrame muita luz,
Lá no rancho do velho agricultor

BANCO POSTAL - CORREIOS BRADESCO
AGÊNCIA: 2542-9 - CONTA: 610017-1

MANOEL LUIZ DOS SANTOS

Av. Poeta Rogaciano Leite, 06 - Caixa Postal 6
56.700-000 - SÃO JOSÉ DO EGITO - PE

Fale com Manoel Luiz de qualquer parte do mundo

Telefone: (87) 3844-2967

Figura 4. Capa do almanaque *Nordeste Brasileiro*.

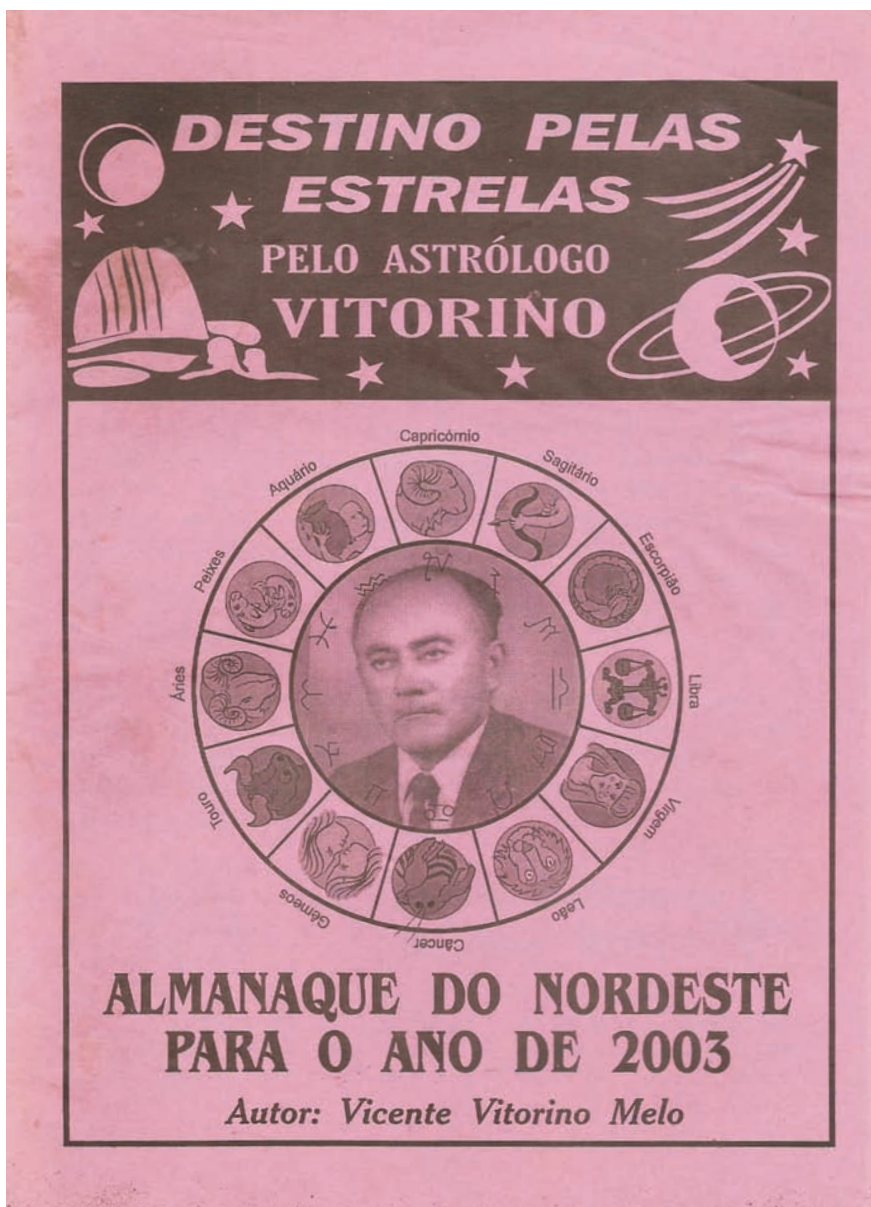


Figura 5. Capa do *Almanaque do Nordeste*.

Imagens da Documentação:
Aspectos da produção teórica e da organização do arquivo de documentos do geógrafo Milton Santos



Figura 1. Uma das estantes do escritório, onde é possível reconhecer os diferentes tipos de suporte que reúnem os documentos (caixas, pastas, envelopes). Foto de Manoel Lemes da Silva Neto.

MILTON SANTOS

A CIDADE COMO CENTRO DE REGIÃO

DEFINIÇÕES
E METODOS DE AVALIAÇÃO
DA CENTRALIDADE



LIVRARIA PROGRESSO EDITORA
SALVADOR 1959 BAHIA

Figura 2. Capa da publicação menor *A cidade como centro da região. Definições e métodos de avaliação da centralidade*, de 1959. Foto da autora.

Esse
 Hoje ~~é~~ acontecer simultâneo, tornado possível...
 cria novas solidariedades: um acontecer
 solidário, malgrado as pessoas, os lugares

3 formas desse acontecer, ao nível do Território

- ① Acontecer homólogo
- ② Acontecer complementar
- ③ Acontecer hierárquico.

Em todos os casos
 a informação joga
 o papel que no
 passado remota era
 destinado a Energia. É ela
 que permite a relação
 entre as partes.

Acontecer homólogo: as áreas de produção moderna
 no campo e na cidade

Acontecer complementar: as relações
 cidade-campo
 e entre cidades

Acontecer hierárquico: o comando, a organização,
 a produção do comando, da
 direção, do sentido, do destino

- ① e ②: o cotidiano compartilhado mediante regras formuladas
 ou reformuladas localmente / uma informação
 tendente a se generalizar
- ③: o cotidiano imposto de fora / uma informação privi-
 legiada, informação que
 é secreta, ~~para~~ é poder.

BANCO REAL

- ① e ②: O domínio das forças (localmente) centripetas
- ③: O domínio das forças centrífugas.
 (o centripetismo é do outro)

Figura 3. Primeira folha de esquema de palestra proferida no Seminário Metropolização e Sociedade: novas tendências nas relações espaço-tempo, IPPUR-UFRJ/ANPUR, Rio de Janeiro, 06/10/1995. Foto da autora.

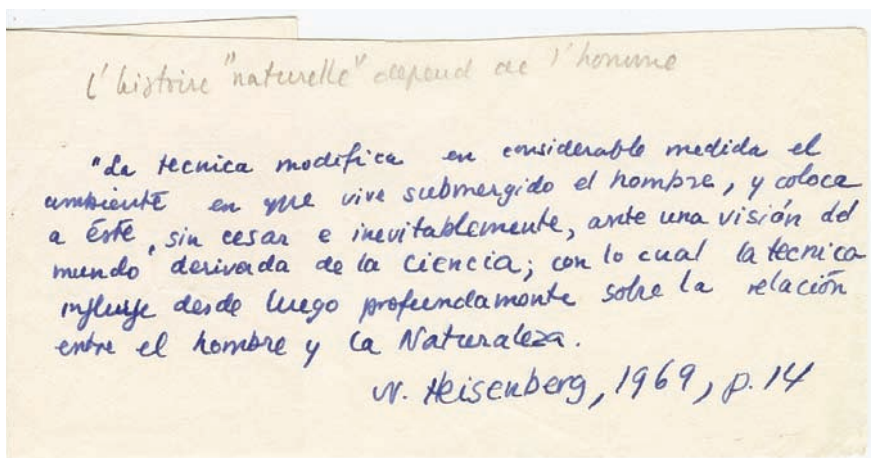


Figura 4. São inúmeras as notas de leitura elaboradas pelo geógrafo, resultado de um estudo extremamente disciplinado e sistematizado. Foto da autora.



Figuras 5, 6 e 7. Caixas que ilustram a sistematização por categoria e conceitos; caixas que comportam grandes temas de pesquisa (Bahia e urbanização brasileira), junto a outras que são relacionadas ao grupo “categorias e conceitos”; documentos reunidos a partir de fins dos anos 1970 e ao longo da década de 1980. Fotos Manoel Lemes da Silva Neto.